

GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação**“BLOGANDO” PRÁTICAS EDUCATIVAS E TECENDO SABERES: JOVENS
GRAFITEIRAS E QUESTÕES DE GÊNERO EM MOVIMENTO**Renata Paula dos Santos Moura (UFPE)¹Jaileila de Araújo Menezes (UFPE)²**INTRODUÇÃO**

A participação das jovens no espaço virtual (*blog*) e sua organização em um coletivo surgiu como estratégia para fortalecer a participação das mulheres no âmbito do movimento hip hop. Nossa proposta de trabalho objetivou analisar a atuação das jovens grafiteiras no espaço virtual (*blog*), considerando as práticas educativas desse coletivo no que colaboram - via estratégias de *cyberativismo* - para dar visibilidade as desigualdades de gênero no interior do movimento *hip hop*. O estudo adotou uma perspectiva qualitativa com inspiração feminista, fazendo uso da *netnografia* como método. Assim, através do uso dessa tecnologia elas podem chamar mais jovens para participarem do coletivo, divulgar seus trabalhos, organizar encontros, divulgar bandeiras políticas, entre outras ações.

MAS AFINAL, QUE “PAPO” É ESSE DE MOVIMENTO HIP HOP?

O movimento *hip hop* é uma manifestação juvenil urbana, artístico-cultural e sociopolítica que reúne quatro elementos artísticos, que são respectivamente: o RAP (Rhythm

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGE/UFPE. E-mail: repaulasmoura@hotmail.com.

² Docente do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais – DPOE do Centro de Educação – CE/UFPE e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH/UFPE. E-mail: jaileila.araujo@gmail.com.

And Poetry – ritmo e poesia), o Break Dance, o grafite, o DJ (Disque Jôquei) e o último elemento político denominado como conhecimento e sabedoria, elemento fundamental para a sustentação do processo de transformação social almejado pelo movimento. Com forte influência dos movimentos negros da década de 1960 e da cultura de rua, o movimento *hip hop* construiu ética e estética inovadoras para a juventude pobre, moradora das periferias das cidades, com o intuito de se colocar como alternativa ao modo de vida desta população, valorizar a cultura popular e as diferenças étnico-raciais. Para atrair os jovens nessas condições, Afrika Bambaata, um *DJ* do Bronx, inseriu na cultura das gangues os quatro elementos artísticos que foram destacados anteriormente.

Nesse contexto, o *hip hop*, enquanto manifestação político-cultural sustenta-se em suas expressões artísticas e em momentos de discussão e debates promovidos entre os próprios integrantes, ou em momentos em que reivindicam direitos junto ao poder público. O movimento nasceu nos Estados Unidos na década de sessenta, mais especificamente nas ruas dos subúrbios de Nova York e se expandiu para o mundo (MATSUNAGA, 2008). E como se trata de um movimento oriundo das ruas (espaço público) é composto ainda por um público majoritariamente masculino.

No Brasil surge nos anos oitenta em São Paulo e no final desta década se expande para o nordeste brasileiro, com o auxílio da indústria cultural e da agilidade dos meios de comunicação. Na cidade do Recife o *hip hop* atua em suas seis Regiões Político-Administrativa (RPAs) e há espaços de articulação específicos onde são debatidos e organizados eventos do movimento, dentre estes, a Associação Metropolitana de *Hip Hop* e a Rede de Resistência Solidária. No que se refere à participação das mulheres, há registros a partir da década de noventa nos vários elementos, contudo, com pouca visibilidade.

Dessa maneira, o *hip hop* exprime-se por meio da arte e apropria-se das ruas como palco para o fazer artístico, mas em termos organizacionais o movimento encontra-se imerso, comumente, na localidade. É nesse plano mais articular, relativo ao bairro, à comunidade, que os jovens se estruturam mediante grupos, *crews* ou *posse* (SILVA, 1999). Essas *crews* caracterizam-se, geralmente, por ter atuação local (no bairro), elas desenvolvem oficinas com todos os elementos do *hip hop*, promovem encontros com outras *crews*, por meio de mutirões de grafite e rodas de *Break*, tendo como objetivo divulgar seus ideais, ganhar novos/as adeptos/as e fortalecer o movimento.

DEMARCANDO CONCEITOS: PRÁTICAS EDUCATIVAS, JUVENTUDE E QUESTÕES DE GÊNERO

Sem dúvida, é fundamental para o campo educacional compreender a importância da educação na visão de diferentes atores/atrizes sociais. O sentido de educação para a vida transita entre o desenvolvimento de habilidades para lidar com o cotidiano e suas adversidades, como também o desenvolvimento de habilidades para uma leitura crítica do cotidiano que possibilite transformações necessárias à efetivação da justiça social. Por isso, assumimos a compreensão de que as práticas educativas não são de domínio exclusivo da escola, pois se fazem também presentes em diferentes situações cotidianas e são realizadas por outros sujeitos coletivos como os movimentos sociais (CRUZ, 2009).

Apesar da distinção “cultura de rua” e o universo formal da escola destacamos que em diferentes momentos de ensino-aprendizagem uma interface foi estabelecida, uma interseção entre a educação não formal e a formal, resultando em palestras, discussões, oficinas, produções artísticas, etc., na maioria das vezes, essas situações ocorrem vinculadas a ações e projetos como o Mais Educação, o Escola Aberta, entre outros. Esses eventos que rompem com alguns tabus consolidados sobre o conhecimento juvenil e as experiências elaboradas fora do espaço escolar. Essas experiências indicam que os caminhos para a construção do saber ancorado em conteúdos formais que agregue momentos significativos da experiência juvenil são possíveis (SILVA, 1999).

Vale enfatizar, que o sujeito político para quem se direciona a ação política do movimento *hip hop* são os/as jovens que tem no *hip hop* um importante contexto de sociabilidade, espaço de participação sociopolítica e cultural. Acerca da juventude é importante mencionar que nossa pesquisa considera, para além da questão geracional e da marcação etária, as especificidades culturais, de raça, de classe, de gênero, dentre outras, dos/as jovens, desconstruindo a noção de que há uma juventude ‘universal’, isto quer dizer que “ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas, sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente construídos” (CASSAB, 2001, p. 63).

No que concerne ao debate de gênero, nosso enfoque deslocou-se do campo de estudos sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero, cujos pressupostos abarcam a compreensão do gênero enquanto categoria sempre relacional (SCOTT, 1995). Trabalhamos na perspectiva da desconstrução, rompendo com o essencialismo e o binarismo que abordava o conceito de gênero enquanto biológico. As

jovens grafiteiras vivenciam e expressam tensões de gênero no interior do movimento *hip hop* da cidade do Recife. Nesses termos em nossa pesquisa abordamos as questões que são evidenciadas nas produções das jovens participantes do coletivo.

Os jovens grafiteiros e as grafiteiras do movimento *hip hop* querem dar visibilidade à sua arte, às suas demandas, mas nessa luta comum por espaço as especificidades de gênero se colocam. A circulação das grafiteiras nos eventos do movimento sugere a necessidade de uma reflexão sobre a circulação das mulheres no espaço público, de um modo geral. Assim, a participação em um movimento como o *hip hop* pautado ideologicamente em práticas educativas emancipatórias abre um campo de possibilidades para as jovens atuarem politicamente no espaço social, vergar sobre si, a seu favor e em prol da sua comunidade o pertencimento a classe social menos favorecida e a sua condição de gênero.

Nesse sentido, a organização das jovens mulheres em um coletivo surge como uma das estratégias para se fortalecerem no âmbito do movimento. Portanto, nessa pesquisa tivemos como **objetivo** analisar a atuação das jovens grafiteiras no espaço virtual (*blog*), considerando as práticas educativas desse coletivo no que colaboram - via estratégias de *cyberativismo* - para dar visibilidade as desigualdades de gênero no interior do movimento *hip hop*.

JUVENTUDE E MOVIMENTO *HIP HOP*: DISCUTINDO OUTROS SUJEITOS E OUTRAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A noção de juventude e as formas como ela será tratada ao longo do tempo, irá depender da organização da sociedade num determinado momento histórico e da dinâmica de suas relações. Consideramos a juventude mais do que puramente uma característica biológica e inata, ela está enraizada na construção social, no que se educa culturalmente para que os jovens se apresentem de tal forma e nas expectativas criadas em torno de suas características juvenis. Peralva (2007) e Dayrell (2007) entendem ainda que a juventude é ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação, onde o caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, difere em cada sociedade, em um tempo histórico determinado.

Dayrell (2005) ressalta que a escola, por exemplo, pouco conhece o jovem que a frequenta, a sua visão de mundo, os seus desejos, o que faz fora da escola. Ao mesmo tempo, predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação à juventude. O jovem é

visto na perspectiva da falta, da incompletude, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato.

O movimento *hip hop* tem se revelado como uma das maiores expressões organizativas, articuladoras e mobilizadoras das juventudes na atualidade, já que através da prática de seus elementos, os jovens acionam questões do campo político-social, cultural, entre outras, a visão de mundo desses sujeitos passa a ser mais ampla (SILVA, 2011). A autora destaca que o *hip hop* é uma manifestação cultural que se propagou em todo o mundo, e leva as referências artísticas da cultura negra norte-americana, mas, em cada cultura, faz uma fusão com os estilos locais e encontra motivações específicas para as criações.

Nesse contexto, Silva (2011) enfatiza que, em Recife no ano de 2004, foi criada a Associação Metropolitana de *Hip Hop* em Pernambuco, por um grupo de *b'boys*, DJs, grafiteiros e *rappers*, no período da realização do I Seminário de Formação Política do Movimento *Hip Hop*. Por outro lado e afirmando os ideais de autonomia e liberdade do movimento *hip hop*, a criação da Associação fez surgir discussões em torno da autonomia e da heteronomia das práticas juvenis desses grupos. Sabe-se que, por vocação, o movimento *hip hop* vem da cultura da libertação, do protesto, e propaga independência das estruturas governamentais. Os distintos elementos inseridos no movimento buscam criar condições de produção artística independente, como os coletivos que divulgam suas produções nas redes sociais, outros grupos que realizam ações na comunidade, etc.

A expansão do sentido de práticas educativas tem direta articulação com o processo de democratização brasileiro. Esse processo caracteriza-se, dentre outros aspectos, pelo diálogo entre diferentes atores sociais, representantes governamentais e da sociedade civil organizada, que instauraram espaços e formas de participação para deliberar sobre a política educacional. Vale ressaltar que o impacto inicial do processo de democratização no âmbito educacional foi a política de inclusão de uma parcela significativa da população, que até então estava alijada do contexto escolar. Portanto, a democratização do acesso trouxe questões sobre a própria manutenção dessa população em contexto educacional, tendo em vista as demandas colocadas para uma escola que não estava preparada para os pobres.

A esse respeito, Gohn (2006) destaca que inúmeras inovações no campo democrático advêm das práticas geradas pela sociedade civil que alteram a relação estado-sociedade ao longo do tempo e constroem novas formas políticas de agir, especialmente na esfera pública não estatal. De fato, são inúmeras as novas práticas sociais expressas em novos formatos institucionais da participação, tais como os conselhos, os fóruns, as assembleias populares e

as parcerias. Em todas elas a educação não formal está presente, como processo de aprendizagem de saberes entre seus participantes.

As pesquisas apontam que quando tratamos da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. Gonh (2006) entende por não formal aquela educação que se dá via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. A autora ressalta que na educação não formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Destacamos também que na educação não formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação).

Essas práticas educativas ocorrem em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados dos grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. Gonh (2006) diz que a educação não formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo.

Assim, desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do *empowerment*³ do grupo, criando o que alguns analistas denominam de capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GONH, 2006).

A conexão com o elemento conhecimento redimensiona a relação dos/as jovens locais com o *hip hop* e fortalece a vertente política de viés comunitário. Eles/as buscam agir e se organizar comunitariamente mobilizando os habitantes do bairro, ou seja, organizam-se através de relações em rede, com uma distribuição de responsabilidades, gerando uma maior autonomia. Na cidade do Recife destacam-se duas organizações que efetivaram essa prática: a Associação Metropolitana de *Hip Hop* e a Rede de Resistência Solidária, essas congregam vários grupos e possibilitam qualificar potenciais criativos por meio do *hip hop*, inserindo esses jovens em espaços sociais estratégicos (COSTA; MENEZES, 2009).

³*Empowerment*, ou delegação de autoridade, é uma abordagem a projetos de trabalho que se baseia na delegação de poderes de decisão, autonomia e participação dos funcionários na administração de organizações.

A heterogeneidade organizativa no movimento *hip hop* não está em oposição; contudo, simboliza diferentes formas de compreender o movimento, suas diversas perspectivas e seus modos de ação. A participação direta ou a própria dinâmica social do movimento propicia aprendizados de participação a seus membros, a exemplo das posses ou *crews* (SILVA, 1999). Os grupos desenvolvem atividades articulando os cinco elementos como oficinas, promovem encontros com outras *crews*, organizam eventos, mutirões de grafite e rodas de *Break*, no intuito de divulgar seus ideais, chamar outros/as jovens para participarem, fortalecendo o *hip hop*.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, nesse sentido é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Considerando o enfoque nas relações de gênero, vale salientar que esta é uma pesquisa de inspiração feminista que visa contribuir para a sensibilização das mulheres com relação aos meios de por fim à sua opressão, este é um desafio ético particular dessa abordagem. O trabalho de inspiração feminista prepara o terreno para outras pesquisas, outras ações e políticas que transcendem e transformam; concentra-se nas diversas situações vivenciadas pelas mulheres, problematizando-as, e também nas instituições que compõem essas situações de opressão (OLESEN apud DENZIN & LINCOLN, 2006).

A *Internet* desde a segunda metade da década de 1990 é um novo componente das lutas sociais (MORAES, 2000). Por ser um espaço interativo e descentralizado traz aos movimentos sociais a possibilidade de minimizar o monopólio de comunicação e de divulgação das forças hegemônicas, socializando em um espaço alternativo suas reivindicações e ideias, permitindo um maior intercâmbio. Nesse sentido, o *blog* apareceu como uma das alternativas de realização deste intercâmbio. Portanto, em nosso estudo procedemos a análise a partir da imersão feita no *mundo virtual*, que é tão empírico e fornece tantos subsídios empíricos quanto o campo de pesquisa “real” (VERGARA, 2005).

Estudos enfatizam que com o surgimento do *ciberespaço*⁴ tornou-se premente o uso e aplicação de metodologias de pesquisa que permitissem “capturar” a dinâmica dos fenômenos presentes no mesmo. Porém a aplicação de metodologias de pesquisa já existentes,

⁴ O termo *Ciberespaço* foi definido inicialmente por William Gibson num conto de ciência ficção O Neuromante (1984), no qual descreve um futuro dominado por redes de computadores e banco de dados. Para Lévy (1999) o ciberespaço é “(...) um universo de possíveis calculáveis a partir de um modelo digital.” (p. 75), é um espaço de comunicação aberto e flexível gerado a partir da conexão mundial de computadores.

principalmente de caráter qualitativo como a etnografia, não pode ser realizada de forma automática sem adaptações e análise das possibilidades e os limites de tal adaptação para a pesquisa efetuada na *web*.

A netnografia considera as práticas de consumo midiático (BRAGA, 2007), os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do sujeito dentro de comunidades virtuais. Desse modo, acerca da netnografia, Hine (2005) afirma que é um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos relacionados à *cibercultura*. A mesma exige combinação imersiva entre participação e observação com relação às comunidades pesquisadas, ou seja, o pesquisador deve ser reconhecido como um membro desse espaço, um elemento importante do trabalho de campo.

Em suma, a netnografia aplicada ao estudo dos *blogs* apresenta algumas possibilidades como à exploração da comunicação multimídia, permitindo contar com dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais; facilidade de busca e coleta de dados; amplitude da coleta e do armazenamento (no tempo e no espaço); desdobramento da pesquisa com rapidez, entre outros aspectos.

A POTÊNCIA EDUCATIVA DOS *BLOGS*: GRAFITEIRAS EM AÇÃO!

Uma das propostas das jovens é o Mutirão Cores Femininas, trata-se de uma ferramenta para reunir as mulheres que fazem *hip hop* e diversas outras artes, um evento auto sustentável que acontece uma vez por mês e faz rodízio pelas comunidades das jovens cadastradas no grupo, uma atividade que busca “fortalecer o potencial da mulher pernambucana e engrandecer o valor das artistas locais”⁵, destacam as jovens no *blog*. Geralmente, os mutirões ocorrem no domingo o dia inteiro, buscando diversificar as formas artísticas levadas para as comunidades e para as mulheres participantes como grafitegens coletiva nos muros, rodas de Break, apresentações com as MC’s e DJ’s, oficinas diversas, mostra de vídeos, sorteios, almoço coletivo entre outras atividades.

Através da nossa análise percebemos que essa prática procura articular todos os elementos do *hip hop* em um dia de ações em diferentes comunidades, levando o movimento para as ruas e visibilizando o trabalho das jovens mulheres. No *blog*, além de inúmeras imagens referentes ao 1º Mutirão Cores Femininas, também encontramos a postagem de um

⁵ Texto extraído de: <http://grupocoresfemininas.blogspot.com.br/p/fotos.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

vídeo⁶ intitulado: “Vídeo do Primeiro Encontro do Grupo Cores Femininas”, esse material traz o registro do que foi esse encontro, inicia com um trecho de uma música do grupo Yabas⁷ falando da luta das mulheres. O material também traz o relato de jovens que fazem parte do coletivo, essas falam de como começaram a prática do elemento, da importância do grupo e do mutirão para fortalecer a participação das mulheres no *hip hop* pernambucano, relatam também sobre o diferencial desse mutirão que deu espaço para todos os elementos do movimento, além de oficinas e atividades paralelas para que as jovens do movimento e da comunidade participassem. Antes dos eventos as jovens costumam compartilhar nas redes sociais cartazes divulgando e chamando outras a participarem das atividades.

Outra ação que recebeu destaque no *blog* foi o 1º Workshop na Fundação de Atendimento Socioeducativo - FUNASE Feminina, foram inúmeras postagens, tanto antes, quanto durante e após o evento, essas publicações localizam-se nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2012. Nos meses de outubro e novembro de 2012 o Grupo Cores Femininas participou do 1º Workshop de *Hip Hop* nas Unidades Femininas da FUNASE, a ação foi realizada no CASEM Santa Luzia (unidade de semiliberdade) que fica localizado na Caxangá e no Centro de Atendimento Socioeducativo - CASE Santa Luzia (unidade de internação) que fica na Avenida Recife. Esse Projeto faz parte da Ação da Prefeitura do Recife junto ao Projeto de Inserção Multicultural da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã junto ao Governo Federal e PRONASCI em parceria com a FUNASE e o Movimento Cores do Amanhã.

O evento ocorreu durante três dias consecutivos e contou com rodas de diálogo, mostra de vídeos, oficinas, prática dos elementos do *hip hop* e as jovens do grupo destacam a troca de conhecimento entre as meninas do Cores Femininas e as da FUNASE. O workshop contou com a presença de *b'girls*, grafiteiras e uma equipe de jovens de um coletivo de mídia independente que cobriu o evento fazendo o registro fotográfico e de vídeo da ação.

Durante a ação as jovens do coletivo destacaram a importância de ser mulher e estar engajada em um movimento como o *hip hop* que através da arte trabalha aspectos políticos e culturais concomitantemente e sempre enfatizavam que ao sair para o “mundão” elas poderiam contar com o Cores Femininas como um espaço que as receberiam. A temática dos Workshops foi a respeito dos “direitos da mulher” e durante a ação as jovens do Cores Femininas trouxeram aspectos relacionados a essa temática que foi o fio condutor do diálogo

⁶ Fonte: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=kSYx1gdOf1I#!.

⁷ O grupo Yabas surgiu quando as vocalistas, jovens de Santo Amaro um bairro da cidade do Recife, começaram a cantar o RAP falando de suas próprias vivências e experiências de violências enquanto mulheres negras.

com as jovens da FUNASE e o tema da maioria dos grafites realizados coletivamente na casa. Após as oficinas e rodas de diálogo ocorreu as ações nos muros, momento de registrar na parede um pouco do que foi discutido e colocado no papel através de diferentes linguagens.

Existem postagens (no mês de dezembro) relacionadas ao evento “Cores Femininas Grafitando pelo FIM da Violência contra as Mulheres!”, uma ação realizada no dia 14 de dezembro de 2012 na Sede da Secretaria Especial da Mulher em parceria com o Movimento Cores do Amanhã e a Prefeitura do Recife, essa ação foi pensada em comemoração ao dia universal dos direitos humanos. As grafitadoras se reuniram para grafitem os muros e segundo as jovens, esse momento serve também para “demonstrar através da arte do grafite como a mulher pernambucana pode exigir e lutar por seus direitos”, salientam as jovens no *blog*.

Percebemos também que o debate em torno das questões de gênero estava acontecendo em espaços específicos como nas reuniões da Associação Metropolitana de *Hip Hop* ou em encontros promovidos pelas jovens como o Trincheira Tinta, o I Encontro Pernambucano de Grafitadoras que foi realizado em 2009 em Recife e teve como objetivo refletir, debater e incentivar a contribuição da grafitadora para a ocupação criativa do espaço público. Mas, sem dúvida, essas práticas ainda não eram/são suficientes para garantir a política de igualdade/equidade entre homens e mulheres no interior do movimento. Ainda era clara a dificuldade enfrentada pelas jovens, pois, percebemos a contradição entre os discursos de igualdade e as práticas de desigualdade.

Desse modo, acreditamos que a criação do Coletivo Cores Femininas acaba fortalecendo a participação das jovens mulheres, já que as mesmas se articulam para organizar eventos em diferentes contextos da cidade, isso gera uma demanda de práticas de jovens mulheres dentro e fora do *hip hop*, dando visibilidade a essas mulheres e suas produções político-culturais.

Sobre a inspiração para a criação do grupo uma jovem afirma no *blog*:

(...) este grupo é uma homenagem que presto a uma guerreira, grafitadora de Recife (...) uma grande referencia na História do *Hip Hop* de Recife, uma das primeiras Grafitadoras a atuar nas ruas da Cidade, participou de muitos grupos importantes para o Movimento *Hip Hop* da época (...). Inspirou e incentivou muitas meninas que hoje fazem parte do *Hip Hop* de Pernambuco. Tenho ela como minha inspiração para dar forças a existência do Grupo Cores Femininas. De sua arte aprendi que a Mulher é mais do que Casa e Fogão! A mulher tem a força em suas mãos!”

Percebemos que as ações do coletivo têm um caráter de contestar as desigualdades de gênero no interior do movimento *hip hop* e algumas grafitadoras se preocupam em “conversar a

respeito” da questão tentando sensibilizar alguns jovens a respeito das dificuldades enfrentadas. Em relação aos incômodos em ser mulher e estar no movimento às jovens do coletivo procuram afirmar que é possível contornar essas situações através de suas ações, como oficinas, *workshops*, formações, etc. orientando através da relação ensino-aprendizagem para discussões em torno das desigualdades de gênero.

Compreendemos que a participação em um movimento como o *hip hop*, pautado ideologicamente em práticas educativas emancipatórias, abre um campo de possibilidades para as jovens atuarem politicamente no espaço social, vergar sobre si, a seu favor e em prol da sua comunidade o pertencimento a classe social menos favorecida e a sua condição de gênero. A prática de um elemento como o grafite colabora com o desafio do enfrentamento da heteronorma que conforma corpos masculinos no espaço da rua e corpos femininos em ambientes domésticos.

Nesse contexto, a organização das jovens mulheres em um coletivo surge como uma das estratégias para se fortalecerem no âmbito do movimento. Com o uso criativo das tecnologias de informação e comunicação, ações específicas e circunstanciadas podem gerar um agregado de peso de forças contrárias de alcance *global*. Aos indivíduos e coletivos sociais, que outrora se encontravam dispersos ou isolados, é possível concentrar suas ações em prol de uma causa comum, com base nas extensas redes de solidariedade de natureza identitária (MACHADO, 2007).

Além disso, é importante pontuar que o nosso estudo trás o debate sobre a participação abarcando a perspectiva onde a política é entendida em sentido amplo, ou seja, a partir da arte, da música e de distintas linguagens, como forma de sensibilizar e promover reflexões. Dessa forma, não necessariamente nos moldes formais, onde é compreendida por meio do voto e da organização da luta de classes, através dos sindicatos, partidos políticos, etc. É pertinente indicar que essa perspectiva ampliada de participação social possibilita articular o campo político ao cultural.

Em síntese, no *blog* circula um material que a todo tempo demonstra uma preocupação em esclarecer que se trata de um espaço de mulheres, dando visibilidade as produções das jovens e divulgando eventos organizados por e para mulheres. Analisando os dados percebemos que a maioria das grafiteiras participantes do coletivo tem uma preocupação em transpor através de suas produções mensagens com traços, estilo, cores, entre outras características que diferenciam seus grafites das produções dos jovens.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste artigo, buscamos demonstrar como se dão as práticas educativas de um coletivo de jovens grafiteiras no que colaboram - via estratégias de *cyberativismo* - para dar visibilidade as desigualdades de gênero no interior do movimento *hip hop*. Porquanto, as tecnologias de informação, com especial atenção à *Internet*, proporcionaram novos horizontes para o ativismo político e o engajamento nas lutas sociais. A esse respeito, Machado (2007) afirma que a “apropriação” de espaços na rede pelos movimentos sociais tem contribuído aos poucos para o fortalecimento das demandas sociais, ao oferecer certos tipos de organização, formas de articular ações e de se fazer política, que não existiam antes. A discussão relacionada ao *cyberativismo* não foi aprofundada nesse estudo, porém, é do nosso interesse dá continuidade ao debate, trazendo aspectos dessa temática em produções futuras.

Então, a pesquisa problematiza que o grafite enquanto prática educativa ressalta temáticas que dão visibilidade a questões de gênero, apesar de percebermos que ainda é necessário um maior aprofundamento das jovens mulheres nas questões feministas, visto que na maioria dos momentos fica um dualismo entre *femininas versus feministas*. Já que algumas jovens enfatizam a dificuldade de serem vistas enquanto feministas no movimento, pois acabam sendo rotuladas e sofrem ainda mais com a desigualdade.

Segundo Machado (2007) os movimentos sociais articulados em rede têm o poder de agregar também “identidades individuais”, frequentemente anônimas e dispersas, ativando os elementos identitários de solidariedade. Nossa análise nos fez perceber que o elemento mais acionado nas postagens é o grafite. Estudos anteriores enfatizavam uma maior presença das grafiteiras em diferentes eventos do movimento, não se restringindo a acompanhar/participar só dos eventos relativos ao elemento que desenvolvem, caso comum às jovens do *Break*. Desse modo, a presença e visibilidade das grafiteiras têm contribuído para a articulação desse grupo no sentido do questionamento das desigualdades de gênero que vivenciam em seus enfrentamentos para a prática do elemento no espaço público.

Em suma, as redes sociais colaboram à medida que através do uso dessas tecnologias as jovens podem chamar mais jovens para participarem do coletivo, divulgar seus trabalhos, organizar encontros, divulgar bandeiras políticas, enfim, notamos a constituição de um novo ativismo (*cyberativismo*) que utiliza ferramentas tecnológicas como o *blog* do coletivo que funciona também como espaços de articulação, protestos, reivindicações, divulgação e outras ações, dando visibilizando as desigualdades de gênero no interior do movimento.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Adriana. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de *weblogs*: uma proposta metodológica. In: **Anais do XVI Encontro da Compós**, na UTP, em Curitiba, PR, 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.
- COSTA, Mônica Rodrigues; MENEZES, Jaileila de Araújo. **Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop**. Revista Em Pauta, Volume 6, Número 24, Dezembro de 2009.
- CRUZ, José Adelson da. O movimento social e a escola: da criação passada à invenção necessária. **ECCOS: Revista Científica**. São Paulo, v.II, n.I, p. 57-75, jan./jun. 2009.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reis. **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.
- DAYRELL, Juarez. O projeto de vida é a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias em objetivos a serem perseguidos. In: Projeto de Vida - Como os jovens brasileiros constroem no presente suas perspectivas de futuro. **Revista Onda Jovem**, São Paulo, ano 1, número 1, março – junho 2005.
- DENZIN, Norman K. & LINCOLIN, Yvonna S. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. & LINCOLIN, Yvonna S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, vol. 4, n. 50, 2006.
- HINE, Christine. Virtual Métodos e da Sociologia da Cyber-Científico-Social do conhecimento. In: HINE, Christine (Org.). **Métodos Virtuais**. Problemas na Pesquisa Social na *Internet*. Oxford e New York: Berg, 2005.
- MACHADO, Jorge Alberto S.. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 18, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.
- MATSUNAGA, Priscila Saemi. As representações sociais da mulher no movimento *hip hop*. **Psicologia & Sociedade**; 20 (1); p. 108-116, 2008.
- MORAES, Denis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na *Internet*. **Revista INTERCOM**, São Paulo, vol. XXIII, n. 2, julho/dezembro, 2000.

PERALVA, Angelina. Juventudes no mundo contemporâneo. In: FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reis. **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 2. Ed. Recife: SOS CORPO, 1995.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e Educação: a experiência do Movimento *Hip Hop* Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, Lucia Helena Ramos da. **Os sentidos de apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as**. Recife, 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Psicologia, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.